

VIDAS DESAMARRADAS

tânia du bois

VIDAS DESAMARRADAS



Tânia Du Bois

Crônicas



Projeto Passo Fundo www.projetopassofundo.com.br

E-mail: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book. Todos os direitos reservados ao Autor. O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite: creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa: Tânia Du Bois

Arte da capa, Júlia Du Bois/2015 (inspirada em escultura de Débora V. Rakover)

Revisão: Pedro Du Bois

D815a Du Bois, Tânia

Vidas desamarradas [recurso eletrônico] : crônicas / Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

1,7 Mb ; PDF.

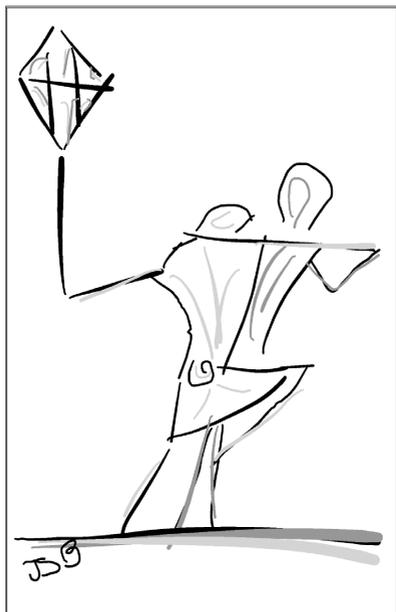
ISBN 978-85-8326-284-8

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94



Ao Pedro,
amarramos nossos caminhos;
tudo o que desejo é estar contigo.

SUMÁRIO

VIDAS AMARRADAS

Números

Hábitos

Inverno

A vida na hora

Genes

Na contramão: a desculpa

Televisão

Tantas perguntas para meia resposta

TRAVESSIA

Cor no escuro

Como vai você?

Tenho em mente

O atraso (II)

A lembrança

As aparências enganam

O regresso

Entre amigos

A esquina

A busca da beleza

O que fazer?

O que fazer? (II)

Momento de despedida
Talvez (II)
Infelicidade
Você e eu
100 anos?!?
Vida real
Parceira do tempo
Memorável emoção

VIDAS DESAMARRADAS

Compaixão
Cassino da Maroca
Aos distraídos
Fazendo as malas
COMportas
"O belo é sentir o hoje"
Por que ler Postigos?
Disperso de Maria Pequena
Cena de rua: livro imagens
Livro Tânia
Solha & mulheres notáveis

Lendo Vidas Desamarradas

Ela não sabe, a autora. Não teria como. Um leitor de longe ouve um tom de I-Ching em parágrafos de certas crônicas (*Números, A vida na hora*). É uma dessas coisas que o texto não provoca sozinho. Um tom oracular ressoa do lado de lá da página. Do meu lado.

A vejo lendo e anotando, alguns livros de poemas à esquerda, suas notas algo afastadas, mas ao alcance da mão, à direita. Tudo o que rebrilha no papel com os poemas vira tinta na página do seu moleskine.

As notas em temas, em versos, em autores. Sempre em ação.

Método de associações livres de outras leituras, de fluxo emocional.

Sabe dizer com o que os outros dizem. Colagem. Mas o pano de fundo é seu. A voz é sua. (Raro, isso. Essa capacidade de manter a própria dicção vazada por autores tão diversos. Ela é o fio condutor.)

Em Leonora Waihrich. Que é amiga de Eliane Marques que é minha amiga. *Piccolo mondo*.

Ela tampouco sabe, Tânia, que a citação do autor de Makrol, faz-me lembrar uma conversa sobre Tarkovski com o filho dele, na Biblioteca Nacional, em Bogotá, há mais de 20 anos. Ela não

sabe (como poderia?) que comecei a escrever uma crônica "O filho de Álvaro Mútis". Depois deixei de lado.

Às vezes uma citação cria a crônica (*Televisão*)

Às vezes a crônica encontra as citações (*A esquina*), que remetem à outras citações, estas no leitor. De *A Esquina* para "O Mapa" do Quintana é um tapa.

Desconfio que Tânia Du Bois descarte mais notas de leitura que os seus próprios, claros, generosos pensamentos. Parece que estes já vem medidos para o texto impresso em colunas.

Seus pensamentos confluem a dizer-nos: os poetas são todos um em mim, um comigo. E, por consequência, nós somos todos um só em vocês que me leem. Eu e os meus poetas, vocês e os mesmos poetas.

A nostalgia do presente que a poesia evoca, que certa poesia evoca, permeia *Vidas desamarradas*.

O fascínio pelo tempo. E no tempo, pelo passado. A atração pelo passado disfarçada de elogio ao presente. No fundo, tudo nela é passado.

E isto, a apresentação deste livro, guiada pela forma como o livro foi escrito, pela sua maneira de ler e de criar. Em vasos comunicantes afetivos. Tanto Sul.

De um olhar crítico que nunca diminui seu objeto. Encontra o valor sem submetê-lo à uma avaliação.

Nela, em Tânia Du Bois, todos os poetas, são um só poeta. Mesmo o verso mais banal e prosaico tem lugar ao lado do mais refinado. Como momentos em um dia.

Bom, é do que se trata o seu gênero. A crônica.

Este livro, tal qual outros da autora que li, faz pensar na biblioteca sua e de Pedro. Em tantos escritores em comum (- Antonio Carlos Osório, que estranho encontrar amigo tão querido por aqui... Tu que partiste faz tão pouco, com meu pai...). Tenho a impressão que suas estantes são um reflexo destas que me rodeiam enquanto escrevo.

E, enquanto reencontramos entre os antigos (Tostes, Giuseppe, Gelman), ela nos apresenta, garimpadora que é, tantos outros (Hoffmann, Zauza, Proteti, Oliani...) Nos enriquece.

Tânia Du Bois leva a leitura, ato em si solitário, ao outro. A compartilha. Desde o primeiro texto seu tive a mesma impressão: - Olha, ainda existem leitores reais. Não estão extintos, podemos encontrá-los. E esta escreve.

Thomaz Albornoz Neves

Poeta e Mestre em Literatura

VIDAS DESAMARRADAS

"As mentes marcadas pela surpresa /
De vidas desamarradas"

(Cândido F, Ferreira)



VIDAS AMARRADAS

Vidas amarradas refletem as nossas fases, quando ficamos amarrados na rotina, nos pontos de interrogação e no tempo, como desafios onde a atenção e o estímulo são diferenciados pelas nossas escolhas.

Atravessamos as descobertas hora da construção do nosso bem estar. Ficamos inquietos com as respostas que se confrontam com a verdade na valorização do viver. Criamos e solidificamos nossos ideais e ideias para completarmos o fluxo da vida.



NÚMEROS

Evidenciamos os números em nossa vida como elo para a vida exterior. Não é à toa que estamos amarrados em senhas para tudo, consideradas como o sentido elevado da comunicação com o mundo e que nelas evidenciamos o progresso; tipo de mundo que chegou - uso expressão áspera - ao tempo feroz. Nas palavras de Pedro Du Bois, "*... confusos tempos recontados / em números díspares / pares ímpares primos entre si... // entre fios finos de verdades...*".

Os números nos fundem ao marcarem a mistura do cotidiano com a transposição pelo espaço e tempo. É maneira de existirmos aqui e agora; por exemplo, o CPF, que define com exatidão quem somos, perante o público em geral, expressa na sua linguagem o tipo de vida amarrada que temos. Como demonstra Joan Brossa, "*... vejo o meu nome verdadeiro, / que quero que permaneça secreto/ seu número de letras...*". Os números salariais também marcam o nosso tempo e indicam a nossa posição na linha do viver social.

A idade ocupa a mesma posição, que nasce conosco e que não podemos renegar e nem desamarrar, ela surge explícita na face e serve de testemunha para explicar quanto tempo vivemos amarrados. Em Pedro Du Bois, "*Ter idades / no mesmo rosto / insensível aos fatos / decorridos... // ter a idade necessária e não se dizer de fora...*". Augusto de Campos retrata, "*Até logo companheiro / guardo-te no meu peito, e te asseguro: / o nosso*

afastamento é passageiro / É sinal de um encontro futuro. //
Adeus amigo, sem mãos nem palavras. / Não faço abrolho
pensativo. / Se eu morrer, nesta vida, não é novo, / Tampouco
há novidade em estar vivo”.

HÁBITOS

Hábitos são recursos em que somos capazes de nos amarrar quando transmitimos a importância do efeito, do feito, da complexidade da rotina e do movimento do presente, representados e reconhecidos em atitudes. Rubens Jardim demonstra que *"Mudamos de rua, / mas não mudamos de hábito. //... e lá dentro tudo continua... / igual. O que é preciso fazer para desvencilhar-se de si mesmo?"*.

Quantas perdas sentimos quando impomos nossos hábitos na vida dos outros, numa amarração sem cabimento? Giuseppe Ungaretti responde, *"Cada instante meu / já vivido / outra vez / numa época profunda... // Desperto-me banhado / de caras coisas conhecidas / surpreendido / e aliviado..."*.

Somos amarrados em hábitos que nos revelam e prejudicam e, talvez, a terceiros, por não desbravarmos caminhos e nem expressarmos mudanças e, ainda, por os incorporarmos ao cotidiano como marca pessoal. Em Luiz Otávio Oliani encontro que *"a mesmice das coisas / no mesmo lugar // chinelos / livros na estante / óculos // escritório / afazeres..."*.

Conforme conseguimos desamarar as facetas habituais, ao longo do tempo, sentimos o "choque" incoerente e inconsequente, que pode se tornar o inverso, como o "fio condutor" ligando as atitudes nos múltiplos fatores da mesma realidade.

Perseverança é a palavra chave em termos de chance para desamarrar-nos das restrições na formação de maus hábitos. Evoluímos para que as mudanças se destaquem em processo consciente, satisfatório e contínuo. Nas palavras de Maiakóvski, "*... desculpe a liberdade / obrigado... / Não se incomode... / Estou à vontade. // O meu trabalho / a todo / outro trabalho / é igual*".

INVERNO

"A vida é uma imagem das estações do amor; / e as estações são a imagem / da vida- diz - O presente é a forma / real de toda a vida".

(Joan Brossa)

Inverno, estação fria. Nossa disposição fica amarrada nos ventos vibrantes, que muitas vezes nos são penosos. Procuramos ficar onde há aconchego para nos aquecer. Encontro no livro *Fatos & Mitos 2 e 3 - Meteorologia* de Gilberto Cunha, *"... A sociedade tem que estar preparada. Pois, todos de uma forma ou de outra acabarão sendo afetados..."*.

A primeira vista é questão de desejar o melhor para nós, mas, na prática a história mostra indícios do inverno que nos leva à amarração e, ao mesmo tempo acreditamos que, ao convivermos com o frio, podemos desamarrar nossas vidas e nos concentrar para vivenciar novos dias.

Todo tempo questiono sobre como sobrevivemos das amarrações no viver, como meio de expressão. Nessa estação há variantes com o formato da quantidade de horas em dias curtos e escurecidos, principalmente, quando nos sentimos amarrados em ambientes fechados. Na incerteza da mudança e da variedade climática, consideramos o frio desconfortável e nos sentimos perturbados e preocupados com a impossibilidade de sair, como limitação. Chegamos ao ponto de reduzir nosso ritmo

de vida, por não ser fácil desistir do aconchego. Procuramos nos convencer de que o inverno faz parte do nosso viver.

Inverno é estação que provoca tempestades e mistura nossas dúvidas, quando nos referimos às folhas secas com efeito repetido, o que significa que, mesmo assim, sonhamos em desamarrar a vida, passo a passo, com o vento inovador. Telmo Gosch expressa, "*Quando clareou o dia / Logo me deu um estalo, / Naquela hora mais fria, //... De escrever uma poesia...*".

A VIDA NA HORA

Vivemos na contramão de vidas desamarradas, porque nos encontramos amarrados em compromissos no vigor e apuro da vida na hora.

Desafiamos o tempo para melhor compreender as mudanças - o que pode ser limitador - por seguirmos as regras criadas e exigidas até a clareza na essência. Analisamos e também sentimos o tempo sobre o tempo, em que a nossa rotina está amarrada em horários que, por vezes, nos permitem livrar das amarras para mudar o rumo da história, como arte do imprevisto para sentir as dores e alegrias no cotidiano como novos recursos.

Traduzimos as evidências das alternativas, para passarmos as horas em jogos de aproximação e afastamento, o que nos leva a compreender nosso apreço pela vida amarrada na hora. De fato, vivemos numa civilização de contrastes, de imagens ousadas e imediatistas, na construção dos deveres e obrigações, fossem os efeitos desejados que, para Maiakóvski, *"... desdobra o lençol dos dias / cama verde, campo escampo. / Arco-íris arcoirisa / o canal veloz do tempo..."*.

GENES

O que realmente constitui a resposta para não desamarar nossas vidas são os genes, que representam a grande amarração do ser humano ao mostrar que é impossível reclamar e não os aceitar. Nascermos com os genes familiares; estão em nós, comandando, quem sabe, os sonhos, os talentos e as aparências. São consolidados através da hereditariedade, em união de forças que permite, sem perder o fôlego, facilitar a realização de nossas aptidões.

Estamos amarrados aos genes e, desta forma, escolhemos, controlamos e observamos aquilo de que somos capazes de realizar. Dizemos, "tradição familiar ou harmonização dos sentidos", o que, em Wislawa Szymborska, "... *Querendo ou não querendo, / tens genes tem um passado político, / tua pele um matriz político, / teus olhos, um aspecto político...*".

Transitamos pelo mundo amarrados aos genes e nos lançamos em atitudes e valores naquilo que podemos desamarar para celebrar a vida; como em Giuseppe Ungaretti, "... *Sei do passado e do futuro quanto é dado a um / homem descobrir / conheço enfim meu destino, e a minha origem...*".

NA CONTRAMÃO: A DESCULPA

"Peguei todas as suas mil desculpas / e as deixei no portão da casa. // O aspecto delas é feio, não se assuste. / São mil desculpas esfarrapadas! // ...Recolha-as, restaure-as / e use-as com outro menos escolado".

(João Proteti)

Muitas pessoas andam na contramão, carregadas de desculpas. Não conseguem se desamarrar para se livrarem das desculpas para tudo e todos os momentos.

Buscam a nudez da palavra para o fato, sem se preocuparem com o ato, o acontecido: fica a espera sob a janela com os nervos à flor da pele.

A tristeza é descobrir que essas pessoas passam do ponto da verdade e investem na desculpa, sem sobressaltos, ao arrulharem justificativas para os seus gestos. Nas palavras de Wislawa Szymborska, *"Repenso o mundo segunda edição... / aos idiotas o riso / aos tristes o pranto..."*.

Amarrados em desculpas, não vivem o hoje. Tornam a conversa vazia como se estivessem enredados sem honra e sem compromisso; como se trabalhassem apenas por serventia e não por conveniência e convivência. Invadem o campo da ilusão e tornam os caminhos obscuros. Para Wislawa, *"... que da treva emerge e na treva some. //... perguntas a postergar e iluminações tardias... / tinha que ver claro, antes que a*

claridade chegasse, / e ouvir toda voz, antes que ela se propagasse. // O bem e o mal...".

Quem se amarra em desculpas perde a ética e a moral, como se isso o pudesse trazer benefícios próprios; por isso cobrem seus rostos com a máscara da inverdade e não da vergonha. Jorge Ventura questiona, "*... Duas faces / dois disfarces. / Por que sou vários? / Porque sou diário*".

Por quê? Para quê? É perplexo presenciar a vida amarrada em desculpas, como revelação do ser sem rumo e, quem sabe, de que o amanhã poderá desvelar a verdade frente à desculpa. Luiz Otávio Oliani reflete, "*Como posso resgatar / o que não existe em mim?...*".

Somos como as flores, precisamos colorir o mundo para renovar as sementes e acreditar que a verdade vale para todos. Questionar os fatos para responder sem recortes e enfeites. Usar luvas para proteção por saber que o sangue que corre nas veias é vermelho. Segundo Maiakóvski, "*o difícil é viver a vida e seu ofício*".

TELEVISÃO

Há quanto tempo você recusa convites dos amigos para sair e para festas? O motivo é sempre o mesmo: amarrada em novelas.

Penso que a novela, além de mostrar luxo, moda, felicidade fácil, violência e sofrimento, com prazo de validade, não inventa novas metas, não dá espaço para você pensar e nem responde à realidade do viver. Não traz o inusitado para despertar a curiosidade na construção da vida.

A televisão paralisa. O telespectador se permite passar o tempo sozinho em frente à tela. Não participa e nem sente vontade de vivenciar algo novo e especial, como sair com os amigos. Quando a novela termina, olha ao redor e, a se ver no espelho, não sente satisfação, porque nada é tão bonito quanto aparece na novela, gerando insatisfação em relação à realidade; porque, em Rinaldo Leite, "*... Que poesia seja / Nosso bem patrimonial, / Ao contrário da TV. / Que causa morte cerebral*".

Indago: por que é fácil nos dias atuais ficar amarrada na TV? Se em cada cena são impostas inverdades e, deixa você sem tempo para sentir saudades dos amigos e dos encontros?

Tenho razões para acreditar que essa amarração impede você de perceber a solidão, a ponto de falhar em suas expectativas maiores, o que a impede de vir a sentir a felicidade; sem contar que é preciso colocar os "pés no chão" e sair da fantasia para viver a realidade.

Será que você lembra de algum dia em que se desamarrou das novelas e teve a chance e o tempo para se apaixonar e viver seu grande amor? Refletir sobre os fatos sem que seu comportamento fosse ditado pela cristalização da vida através da televisão? Bons tempos que, nas palavras de Maiakóvski, *"... se vocês pensam / que se trata apenas / de copiar / palavras a esmo, / eis aqui, camaradas, / minha pena, / podem / escrever / vocês mesmos!"*.

TANTAS PERGUNTAS PARA MEIA RESPOSTA

Tenho perguntas que, no meu coração, refletem a nossa trajetória:

O que nos faz feliz?
Ó beleza, onde está a nossa verdade?
Somos reflexo da nossa infância?
Que criança resiste a um belo livro?
Quantas sombras tem o homem?
Por que o silêncio não silencia?
Quantos editores escutam a voz do leitor?
Todos os homens tem alma feminina?
Encontramos arte nos retratos pintados?
Sabemos os limites da vida na face oculta?
Em que palavras materializamos a espera?
O mundo é desenhado só para os homens?
Por que os homens não escutam as mulheres?
Que significado existe além do bem e do mal?
Por que passamos a vida sem sermos notados?
Temos tempo para amar a quem nos ama?
Como esquecer se não deixamos de lembrar?
Desejamos segredo além do contido nas expressões

poéticas?

Quem nunca sentiu a saudade cortar o peito como aço de navalha?

Onde e quando poemas passam a fazer parte da vida?

O tempo é fronteira entre o que lemos e o que poderemos ler?

O que se revela ao decidirmos caminhar para sentir o vento?

Precisamos desejar ou sonhar para dar tempo ao tempo e hora ao instante?

Acostumamos passar poucas horas por noite sobre os travesseiros?

O amor, as lembranças, os vícios e os amigos tem prazo de validade?

Que país é este que chora quando a seleção de futebol é desclassificada e a perda dos intelectuais é chorada apenas pelos amantes da cultura?

Provocar a felicidade é o que precisamos para não atrapalhar o dia a dia?

Nossas palavras são ponto de partida para o texto, como a liberdade é pretexto para viver?

A vida sem carinho nos faz pessoas esvaziadas de páginas em branco?

A natureza posa para nós, fala conosco e captura nossos sentimentos?

Mudanças inflexionam a história ao indagar se somos ricos ou endinheirados?

No mundo de relações virtuais vivemos a impessoalidade, pois, a atitude é que faz a diferença. Nosso poder reside nos pequenos gestos do cotidiano, em resposta ao confronto com a vida, que pode transformar os fatos a qualquer instante, como em Getúlio Zauza, "*Me pergunto: será a vida sonho acordado? / E se a humanidade em verdade viver sonhando? Haverá tempo suficiente para despertar?...*".

A resposta é algo que desperta interesse, tal a liberdade e a paz; tudo começa quando respondemos as perguntas ou, pelo menos, nos perguntamos sobre as dúvidas. Para Pedro Du Bois, "*Na resposta observo / a pergunta*

pronunciada / ágil lâmina / trespassada / ao passado / não pode a resposta resolver / comandos negados na pergunta”.

TRAVESSIA

Travessia é a passagem que marca o nosso caminho em pontos que se unem e se cruzam. Costura forças em que o amor nasce nas palavras e se encontra no gesto, ao cruzarmos os sentimentos. Na diversidade das razões atravessamos a vida, indo de encontro ao tempo como conquista.



COR no ESCURO

*"Há na noite uma brecha / sem substância /
Onde a luz gesticula..."*
(Sonia Regina)

Na vida existem dois lados: o claro e o escuro, um bom e outro ruim. O claro revela partículas cintilantes; o escuro enriquece e deixa o brilho ofuscante. Sobrevivemos em qual lado? Em Pedro Du Bois, *"A cor / condensa / o sentimento //... comprime a angústia e a despreza // - somos cores divididas."*

A paixão surpreende por colorir nossas vidas; comparada com a beleza incomparável da natureza, completa o estilo de vida. Embora haja consenso sobre o tema, busco a cor no escuro, em que mostra e esconde. Tenho receio do quanto as demandas individuais são dispersas, mas, tenho certeza da importância de compartilhar com as pessoas, para manter a parceria com quem gostamos; como em Marisa Barros, *"... Prefiro qualquer coisa sem sombra / No escuro da noite / Assim te encontro e sou mais rosa."*

Não explico a cor do escuro, apenas desafio a escuridão: na noite, o medo atingido pela dor revolta o silêncio e, quem sabe, a palavra final. O objetivo é fazer com que eu perceba a importância do escuro, junto com o claro, ao argumentar que, no participar da decisão, possa considerá-lo como opção para descobrir o que fazer com a escolha: influir diante da vida e na

relação da cor no escuro, ou clarear para escurecer? Qual é o lado escuro? Fora ou dentro de quê? Lêdo Ivo diz, "*Paramos à estrada / da ponte que separa / os mortos e os vivos / e ninguém atravessa / seja no dia claro / ou na noite caída...*". Para Vera Casa Nova, "*A cor revela / Delírios...*"

Como sair do emaranhado se é vital que o dia seja claro e a noite escura? Amar é claro ou escuro? O mar, o vento e a paisagem são claros como a noite? Imagino e vislumbro duas possibilidades, uma é descartar o amor em tons pastéis e, a outra, que a noite é clara. Neste jogo, a imagem das cores desencadeia meus sentidos para refletir a instabilidade emocional e confundir a cor no escuro; como em Lêdo Ivo, "*Que rumo é este no escuro das árvores...?*" e, em Pedro Du Bois, "... - *sou cores realizadas em tina / e represento vontades: claras / escuras amarelas e vermelhas. / Pranteio o antecedente espaço / e me aprofundo em brancos. //... - sou cores fixadas sobre a pedra / e me digo consentâneo em respostas*".

COMO VAI VOCÊ?

Você é importante porque demonstra as possibilidades para a vida pessoal e social. Encanto-me com seu sorriso e suas atitudes e, assim, começo a criar forte e agradável vínculo com a sua escrita. Neste momento o que me importa é saber: como vai você? Antônio Marcos e Mario Marcos musicalizam, *"Como vai você? // Eu preciso saber da sua vida / Peça alguém pra me contar sobre seu dia / Anoiteceu e eu só preciso saber / Como vai você? / Que modificou a minha vida / Razão de minha paz já esquecida / Nem sei se gosto mais de mim ou de você..."*.

Separo parte de meu tempo exclusivamente para ler seus textos e imagino que esse momento é só nosso e que a minha atenção está voltada para você. Exploro suas palavras, compreendo e me familiarizo com elas: sinto-as tocar meu coração e influenciar meu pensamento. Como expressa Pedro Du Bois, *"Tens a intensidade do linho / áspero e cru / seda entre os dedos / voz com que fala tua vida / olhos sobre todos nós // espírito inquieto / de quietude e paz // tens a intensidade do amor / colocado acima / do que o corpo pede / em paixão // és intensa como pensa a vida / a morte não te faz medo / cristã de arrependidos pecadores // tua vida é intensa e não há pecado / em tuas mãos"*.

Quanto mais independente é a sua poesia, mais estimula meus sentidos; assim, resgato a comunicação e aprendo a nomear o mundo em sua volta - mais do que prazer, compartilho

histórias ao saber como vai você - o que traz harmonia para o meu viver.

A composição de Antônio Marcos e Mario Marcos dá sentido e som a poesia, tornando-se minha parceira na sensibilidade, por conciliar a magia das palavras ao retratar o meu sentimento; *"... Vem, que a sede de te amar me faz melhor / Eu quero amanhecer ao seu redor / Preciso tanto me fazer feliz // Vem, que o tempo pode afastar nós dois / Não deixe tanta vida pra depois / Eu só preciso saber / Como vai você..."*.

Na união entre a poesia e a música vivo a expectativa e a esperança de semear o movimento provocado pela emoção ao saber: como vai você?

TENHO EM MENTE...

Tenho em mente que tomar decisões para conquistar o espaço é questão de sabedoria, discernimento, intuição e luz. É reconstruir a vida. Telmo Gosch expressa, *"No meio da caminhada, / Tomamos a decisão, / Na mala foi desenhada, / A marca do coração"*.

Tenho em mente que assistirmos o por do Sol é experimentar o momento do brilho. Não fazer nada, para apenas desfrutar a beleza natural.

Tenho em mente que a aventura de viver está na independência e no avanço da responsabilidade, para garantia dos nossos direitos: *"o preconceito é seu fracasso e a minha vida"*.

Tenho em mente que o incômodo é queixa sem atitude. Nada mudará a intolerância se ficarmos calados.

Tenho em mente que, entre as flores amarelas e o céu azul, é possível lembrar o nosso compromisso de preservar a liberdade; para José de Alencar, *"Tudo passa sobre a terra"*.

Comparo a nossa situação com a da literatura, porque busco um mundo sem dor. Reflito sobre a necessidade de viver na felicidade. Neste momento, lembro-me do livro *Pequeno Príncipe*: *"é preciso exigir de cada um o que cada um pode dar"*. Refaço a leitura das passagens: palavras lidas, ouvidas e refletidas fossem o divisor das possibilidades. Tenho em mente expandir limites ao enfrentar os obstáculos, para resgatar o

“brilho do Sol” e exalar o perfume das flores, trazido pelo vento cotidiano.

Tenho em mente que outra forma de renovar o viver é lembrar os momentos gratificantes para garantir que a nossa história não termine; e que não perdemos o nosso olhar ao aceitar outras condições para o desfecho feliz.

Tenho em mente que, enquanto o nosso olhar percorre o mar, argumentamos pela não retirada das rugas que a vida nos impõe e que refletem os sentimentos que ensinamos ao mundo. Nas palavras de Agostinho Both, “... *As rugas que vem chegando estão carregadas de preocupações e nelas também estão guardados todos os sonhos e dificuldades*”.

O ATRASO... (II)

"... O tempo? inclemente / pesando / na mente..."
(Antônio C. Osório)

Escolher ser feliz nas pequenas atitudes e ações diárias é encontrar a forma para não se atrasar; a vida é processo continuado de trocas. Isso significa que se pudermos valorizar a importância em cultivar os interesses pessoais, em estar disponível, então *o combinado é o acertado, sem atraso*. Às vezes, desafios se avolumam e nos atrasamos para os compromissos.

O atraso é falta e só depende da vontade de podermos encontrar o tempo correto para que não aconteça, pois, como diz Paulo Leminski, *"em cima / da hora / tudo piora"*.

Se cumprimos os compromissos, nas horas marcadas, ficamos com a melhoria do nosso tempo, como em Luiz Otávio Oliani, *"O tempo não se rende / a nada que o prenda // embora não corra / abocanha os homens / silenciosamente"*.

Que tal revermos o que prevalece no atraso que se mantém em nossas vidas? Isso significa muitas ações, como a dos pais que chegam tarde para o jantar e, mesmo assim, as crianças ficam felizes ao vê-los em casa.

As noivas organizam seus casamentos de acordo com seus estilos e gostos, marcam a hora mais apropriada para a realização e, quando chega o momento sagrado, ... se atrasam.

Médicos, profissionais que valorizam seu trabalho, telefonam aos pacientes confirmando dia e hora da consulta; mesmo assim, quando chegamos ao consultório, confirmam o atraso no atendimento.

Viajar! Compramos a passagem para o dia tal/tal hora; com entusiasmo fazemos o *chek-in* em casa. Ao chegarmos ao aeroporto, o desânimo, que o voo está atrasado.

Hora marcada no salão de beleza, mas, a cliente anterior se atrasou, o que atrasará os atendimentos nos demais horários.

A beleza está em lermos para passar o tempo, prazerosamente, sem nos incomodar com a espera adicional. Revista com chamada para determinado espetáculo, com informações sobre ingressos, dia e hora e, no entanto, atrasam o horário previsto para começar o show.

O atacante, no futebol, após a armação da jogada, chega atrasado para a conclusão do lance e perde o gol. Os torcedores "choram".

No amor, quando resolvemos nos declarar, muitas vezes, é tarde demais. A indecisão é obstáculo, pois, não assumimos as fraquezas e corremos o risco da perda pelo atraso. Nas palavras de Luiz Otávio Oliani, *"as horas voam / e me perco / entre os ponteiros do relógio..."*

Erasmu Carlos, na música *Coqueiro Verde*, revela o atraso de Narinha, *"Em frente coqueiro verde / Esperei uma eternidade / Já fumei um cigarro e meio / E Narinha não veio // Como diz / Leila Diniz / O homem tem que ser durão / Se ela não chegar agora / Não precisa chegar..."*

A vida moderna é sinônimo de atraso. Agendas cheias; precisamos criar estratégias para minimizar o tempo ao assumirmos horários e compromissos.

Talvez um dia, escolheremos ser felizes enquanto abraçamos os filhos, visitamos parentes e amigos e amamos o parceiro. Talvez possamos simplesmente honrar os horários, sem atrasos.

A LEMBRANÇA

A vida apresenta curiosas e surpreendentes idiosincrasias como fonte de energia e criatividade, como a lembrança no desafio de conversar para detectar o fato que procuramos saber o que rege a nossa vida. *"É proibido chorar sem aprender, levantar-se um dia sem saber o que fazer, ter medo de suas lembranças..."* (Pablo Neruda)

A vida está na lembrança de que tudo pode acontecer? Apegamos-nos à lembrança para dar algum sentido à vida? É mais fácil pensarmos que há o sentido - feliz ou infeliz - que aumenta a responsabilidade sobre os nossos atos. Acreditamos existir motivo maior que una os fatos para provar que a lembrança é o contato com a realidade, que reflete as nossas ações.

A lembrança interage conosco, porque nos dá conforto. Tende a nos levar a abrir a porta para seguirmos outros rumos: a necessidade de renovação nos acompanha e vai de encontro à nossas vidas. Banal ou significativa, a lembrança ocorre todos os dias e pode nos inspirar pelos afetos que carregamos. *"...As lembranças, as boas lembranças / mal resistem à acidez das lágrimas / refluindo a origens inseguras. // ...Encontrarão talvez aquelas imagens perdidas / nos sonhos antigos?"* (Antonio Carlos Osório)

Às vezes, nem gostamos do que lembramos, mas, quando percebemos, está em nossa mente reforçando a capacidade de

viver. Sobrevive ao tempo como questão de prioridade, como em Luiz Guimarães, *"...vontade de ver de novo,/aquilo que lembramos / e que feliz nos faz, / em dias passados da vida."*

É bom lembrar para saber o significado do acontecimento e podermos alcançar a felicidade, como em Pedro Du Bois, que lembra sobre *Agosto de 1965*, *"...Lembro da neve caindo forte, / branqueando ruas, carros, os bancos da praça. // ...Todos pararam, / menos nós, jovens inquietos / circulando pela cidade. // Bonecos, / guerra de bolas, / bola rolando rua abaixo, / chuva congelando a neve. / O frio congelando todos nós."*

A lembrança pode nos guiar e até nos levar pela mão. Na dúvida, sobre o que rege a lembrança, o melhor é fazer o que está ao nosso alcance, para aumentar as situações benéficas, que ela não tem ponto de retorno, apenas momentos históricos, como em Danuza Leão, *"Com o pé no passado, lembro de coisas que não dá para acreditar: do tempo em que as desquitadas eram mal vistas; do amigo que se matou porque descobriram que era gay; da grande ousadia que era uma moça trabalhar quando seu destino já estava traçado: estudar francês e piano e casar e das mulheres que escondiam e que pintavam os cabelos. Faz tanto tempo assim? Ok, foi no século passado, mas ainda lembro bem"*.

Manter as lembranças, serve para prevenir e enriquecer as experiências e o que estamos querendo. A dor faz parte da vida tanto quanto a alegria. Prolongar a tristeza pode empatar a vida e impedir que coisas boas aconteçam. Lembrar é indispensável para conquistar o amanhã.

AS APARÊNCIAS ENGANAM

"... Eu não sei o que dizer / Para quem ganhou beleza. / Mas pergunto: o que vais fazer / Se a idade te inundar a Alma de tristeza" (Getúlio Zauza)

Não se enganem com as aparências. São formas para executar ações como ferramenta e estratégia e alçar maiores voos. Um mundo de fato igualitário é aquele onde pensamos os impasses: meias verdades ditas como fatos e preconceitos. Nas palavras de Helena Rotta de Camargo, *"Os padrões de beleza, tão divergentes na cultura dos povos, comprovam a debilidade dos nossos conceitos e definições"*.

Tão extensa quanto a vida, a beleza é marcada por profundos contrastes e comparações sobre a aparência pessoal. A beleza ou a feiura podem estar expressas em diversas tonalidades e, mesmo assim, é difícil agradar a todos os gostos. Gilberto Cunha, no ensaio *O Preço da Opinião*, escreve que, *"expor aquilo que pensa sobre determinado assunto, envolve, quase sempre, uma visão pessoal do mundo, conceitos, prévios, juízo de valor, princípios doutrinários e -... também um pouco de presunção..."*

Dizer que este ou aquele é feio, é julgamento cruel, dramático e vazio; atitude inquieta e preconceituosa, pois, as aparências enganam. Falta autocontrole que assegurem impiedosos palpites que fazem sobrar e ultrapassar a barreira

do bom senso; como encontro em Carlos Trigueiro, no livro *O Clube dos Feios e outras Histórias*, "Não há discriminação mais vil do que a estética..."

Aqui e ali vejo pessoas que consideram o "bonito" e criam formas de menosprezo ao "feio"; assim, expressam poderes sobre os outros expondo suas fragilidades, como o absurdo da notícia de que a *Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio*, em Farroupilha (RS), será trocada porque a população julgou a imagem "feia". Será que julgar a aparência na imagem não seria a nossa resistência? Será que as pessoas que atazanam com seus pré-julgamentos sobre as aparências estariam exorcizando suas desvalias?

O pior é que essas meias verdades sobre a aparência ditam diferenças estéticas e rotulam as pessoas no revelar a prepotência dos "ditadores da moda", sem a correta perspectiva e, sobretudo, sem qualquer substrato que realce a verdadeira beleza. Carlos Higgin retrata no conto *Cara a Cara*, "...Não consegui aceitar aquele nariz feio, que eu imaginava perfeito... Dois espelhos estavam destruindo meus sonhos, minhas mais secretas ilusões..."

Nessa perspectiva indago de que belezas estão falando? Da aparência da "bela" e a "fera"? Da beleza cultural ou social? Nilto Maciel demonstra, "... Turma maravilhosa, alegre, inteligente: Severiano... apesar de baixinho, moreno, narigudo, magrinho, exercia sobre nós grande influência..."

As meias verdades inviabilizam, sem necessidade, os sonhos de muitos que são marcados pelo preconceito das diferenças na aparência estética. A alusão de conceitos como

forma de procedimento é trama empregada para julgar a aparência do outro, que passa pelos valores e necessidade de cada um. Por sua vez, as variantes em função do conceito de beleza são identificadas pelo olhar sábio da vida, no desejo de definir os encantos e o projeto vivencial das pessoas. Segundo Billy Blanco, *"Feiura não é nada // ...Tem fé em Deus que tua feiura não é nada, / Gente mais feia encontrou marido, / Enquanto a bonitona ficou encalhada! // ... Já vi gente mais feia que tu, / Ser elegante..."*

O tempo traz o descompasso no traduzir o árduo mundo da beleza, que tem vento salgado e sopra sobre nós sem sentido ao conspirar contra a aparência, como demonstra Helena Rotta de Camargo, *"Outrora, a beleza feminina não passava de um predicado, a que toda mulher aspirava. Hoje, transformou-se numa religião, obrigatória, quando não obsessiva"*.

A vida mistura o pó do tempo e, muitas vezes, colho flores pelo caminho, quando ligo o sentimento à existência, como limite de vida; encontro a beleza no olhar, gestos, palavras e no coração; percebo e concebo, de forma simbólica, que as aparências enganam; que beleza "não bota mesa" e que "bonito é o que lhe parece", revelando o mistério que consiste em valorizar a mente antes do corpo.

Acredito que o sorriso sincero, o carinho e a tolerância, em meio ao confronto, são capazes de alterar, por completo, o conceito de beleza. Não existe perfeição, mas, apenas o sonho vinculado à realização e à felicidade. Só com a razão posso ver a beleza de cada um, como em Tunai e Sérgio Natureza, *"As aparências enganam / Aos que odeiam e aos que amam / ... As*

*labaredas e as brasas são / O alimento, o veneno ... / A
recordação / Dos tempos idos de comunhão / Sonhos vividos de
conviver..."*

O REGRESSO

*"Aprendo a voltar / e me perco / em recordações: / os passados
/ petrificados / em passos / os retornos / fechados / em
acazos // aprendo ser a volta / o pior encontro // o rasgo
instantâneo / do corpo /
ao mistério" (Pedro Du Bois)*

O desafio em voltar está em entender as razões que me levaram embora; as dificuldades que atravesso em sucessivas horas, como as palavras do poeta à epígrafe. Neste desassossego encontro a voz que representa o arrependimento e os desacertos. Sigo na esperança de que as lembranças, os gritos, o silêncio e as palavras retornem na certeza do caminho a ser trilhado; como em Maria Hilda De J. Alão, "... voltaste, confiante do perdão, para o ninho, / antes desprezado.../ encontraste-me diferente, / pois encontrei a paz de espírito perdida, / e fiz da razão meu baluarte de vida..."

Ao regressar estendo os passos e os transcrevo em palavras: o beijo, a saudade, a voz, o olhar e as folhas de outono. Trago as incertezas, os endereços desaparecidos, as janelas vazias e as portas fechadas. Começo aprender a voltar, quando me vejo cercada da poeira que simboliza o tempo e a lembrança. Para Luiz Fernandes da Silva, "Trago dentro de mim / o eco de todas as tuas palavras / e as cicatrizes de tuas lembranças. //... Trago dentro de mim / o teu retrato

amarelado / dentro do álbum / onde estão presos / os nossos remorsos / e a esperança..."

A volta aumenta minha sensação desconexa, porque não vejo e não escuto, mas, sinto a luz e o vento em contentes momentos de reencontro pela descoberta do sentido da vida: o amor.

Percebo que regresso de caminhos variados: distância, sentimento, atraso, passagem, persistência e verdade: que o reencontro é imagens trazidas comigo, projetadas de dentro para fora e reveladas no momento da entrega.

Posso na liberdade de escolha, ter a certeza de repetir os atos e voltar para onde enredei o amor na lembrança, e cristalicei os motivos que me fizeram regressar. Em passos silenciosos, recorro ao tempo para encurtar a distância e seguir o caminho de regresso. Nas palavras de Benedito C. Silva, "*Confesso / Passei do tom. / Exagerei. / Errei a hora - / Você me deixou! / Agora, / Espero ansiosamente pela sua volta!*". Encontro em Pedro Maciel que "*Retornar com os Pássaros*" é romance que foge a estrutura convencional: "*...Vislumbro coisas invisíveis. Quero o que era infinito. Retorno com os pássaros...Nem sempre regresso de minhas viagens*".

ENTRE AMIGOS

para Gilberto Cunha

Marcar encontro com os amigos é prazeroso e a conversa passa pelos mais diferentes assuntos, dos pessoais até os desafios do trabalho no dia a dia.

Entre amigos a troca de ideias e de informações cria situações de especulação, e chegamos à conclusão de que somos engolidos pela rotina, em que muitas vezes as ideias desaparecem; somem quando a "técnica" assume o seu lugar. Barreira difícil de cruzar, porque nos tornamos suas vítimas. Nas palavras de Arland De Souza, *"Ainda não sei / o que mais me extasia: / se a crua realidade / ou a fugaz fantasia"*.

Perguntamos de onde vem a inspiração neste mundo tão corrido e disputado. Não nos damos por convencidos de que o dia a dia possa interferir na inspiração que nos provoca em desejos. Então, lembramos as palavras de Orides Fontela, de que *"A lucidez me alucina"*, e refletimos com Nietzsche que, *"Quando muito olhamos para o abismo, somos engolidos por ele"*.

Somos capazes de nos enredar no cotidiano até o ponto "necessário" para termos sobrevida no trabalho. Acrescentamos que somos capazes de sair desse emaranhado e viver a liberdade que sonhamos. A vida não requer lições pré-concebidas, apenas precisamos alcançar a nossa autonomia para não sentirmos frustração ao não conseguirmos realizar nossas ideias. Parece simples, mas, ao entendermos que viver é a

grande questão, precisamos saber que acompanhar o cotidiano nos mantém por horas, dócil ou hostil e que, de mecanicamente não pensamos em mais nada. O peso pode ser medido de duas maneiras: palavras e livros. O interesse pela literatura mexe com o pensamento e pode definir o nosso rumo: somos donos da nossa vida e não desistimos diante do nosso esforço e vontade que, por sua vez, iluminam ainda mais as nossas ideias.

O Sol, a chuva, o mar e o vento mudam nossas vidas ao trazerem na poeira e nas gotas da chuva alguns dos fatores que elevam nossos pensamentos. Questionamos de quantas ideias precisamos para escrever e se somos criativos como pensamos. Ao pensarmos na ansiedade de quem vive com a cabeça sobrecarregada de informações, temos novas expressões de linguagem para construção e a constatação das palavras, de que recriamos as ideias. Talvez tenhamos a sensação de que criar é constante em nossas vidas, já que vimos que as queixas *versus* as novidades tendem a despertar sentidos e sentimentos.

Entre amigos, alguém diz, "*estou vazio, sem ideias*". Difícil de acreditar, já que ele é escritor talentoso. Reconhecemos suas vantagens e salientamos sermos o avesso das luzes; sentimos o vento no pó do tempo e ouvimos histórias e casos, que nos embalam e inspiram no som das vozes.

Buscamos inspiração para viver e sobreviver entre as quatro estações, mesmo quando as folhas caem ou quando o tempo deixa marcas em nós e cobre nossas cabeças com *neve*. Manoel de Barros, o *grande poeta de pequenas coisas*, explora o simples e seu limite é transgredir na poesia. Jorge Luis Borges mostra que "*a ideia está sempre ali a nossa espera, a espreita*

para saltar a qualquer momento". Basta ouvir as nossas vozes ao dizer "não" ao excesso de trabalho e "sim" ao desejo de espiar o horizonte.

Encontramo-nos para tomar cafezinho, em momento convidativo para rever os livros, jogar conversa fora, escolher as cores do dia, identificar gestos e aromas. Em cada instante com os amigos sentimos o bem estar coletivo pelo contato que acalenta nossos corações; dividimos a alegria e a tristeza como modo de sentir a vida.

A ESQUINA

"Era dobrar a esquina para desdobrar o passado..."

(Carlos Pessoa Rosa)

Quando revejo a cidade da minha infância, a ternura me envolve e tenho a noção dos anos passados e dos encontros nas esquinas. O passado retorna em lembranças, como o livro, a cadeira, o poema não declamado, o quadro do pintor desconhecido, o disco de Chico Buarque e o vento que escancarava as portas.

Sinto que é importante valorizar a lembrança - a esquina - para entender que a vida é recolher histórias e, por essa razão, sinto-me feliz. Para Álvaro de Souza Gomes Neto, *"Em cada esquina desse Porto / As vezes triste e muitas vezes tão alegre / Descubro em passos um compasso de viver / Que sempre sonho que jamais vou esquecer / De procurar uma razão pro meu andar..."*

Quando parti da pequena cidade, levei comigo a lembrança da esquina em que havia um jardim que ladeava a casa, onde floresciam jasmims perfumados, que tomavam conta de mim. Nas palavras de Cora Laus Simas, *"E hoje, aqui, eu, só, gozando esta fragrância, / vi-me galgando, distante da infância, /os degraus da vida inteira"*.

Na incerteza do que vivi postada à janela, tenho a consciência do existir. Com as lembranças caminho em passos lentos,

enquanto há a possibilidade de retorno, pois, delas não tenho vontade de me afastar, porque as tenho como os *bons tempos*. Fui feliz, por isso não choro. Carmen Presotto revela, "*...Até um dobrar de esquina / sentir um parar perdido e / esquecer o caminho...*"

Nas lembranças da minha cidade, se destaca o combinar com a turma para nos encontrar na esquina. Lá deixamos nossas marcas, sejam inspiradas nas posturas de liderança e nas histórias contadas. De uma forma ou de outra, foi prova inequívoca do poder transformador da juventude, com garra para estabelecer conexões afetivas através de nossas raízes. A satisfação se encontrava em qualquer mudança que almejávamos. Era a nossa verdade, porque as vantagens de nossas novas atitudes tiveram significado especial: emoções, pensamentos ou apenas as palavras soltas; razões e sentimentos que nos impulsionavam a praticar o velho hábito: encontrarmos na esquina para conversar, o que nos obrigava a ter atenção e reflexão para com os amigos, algo que não dependia da opinião alheia. Seguíamos nossas intuições e comportamentos como se fosse a realização do novo. Nas palavras de João Carlos Meirelles Filho, "*...Todo ruído desviava / meus olhos da angústia / procurando você nas esquinas...*"

Retiro da realidade o tempo, contemplo naquela esquina as nossas descobertas em inundadas sombras. Reconheço o barulho e as luzes; regresso os dias para escutar a vida que repousa na memória, como em Pedro Du Bois, "*Rarefeito em esperas / apressado o fato: pelas esquinas / ...avanço o instante / e me deparo em retorno*".

O tempo se encarrega de demonstrar os limites da flexibilização das esquinas, trocadas pelos encontros em *shoppings*. Espanto-me com as pessoas que falam mal e tem preconceito em relação as ruas e esquinas. As opiniões vão além do que sou capaz de imaginar; Carmen Presotto retrata essa realidade no poema *Sombras da Esquina*, "*...Homem da esquina / Ligeira sombra / Sem tua presença / Dobrei meus sonhos / Assombro-me / E não lapido qualquer / falso cristal.*"

A BUSCA da BELEZA

Não adianta ver só o lado bonito de tudo. A busca pela beleza está na qualidade de vida, para fazer parte do nosso cotidiano. Não podemos valorizar apenas o sucesso, porque o fracasso também nos fortalece e com ele crescemos e aprendemos a lidar com as emoções. Getúlio Zauza reflete, *"Eu sei! Até posso compreender / como a beleza nos seduz, / mas o que queria apenas saber / o que farás quando apagar sua luz? //... Eu não sei o que dizer / Para quem ganhou beleza. / Mas pergunto: o que vais fazer / Se a idade te inundar a Alma de tristeza"*.

A verdadeira beleza é percebida através do olhar, das atitudes diante de uma situação ruim, o que até pode ajudar a minimizar o problema.

A beleza está na nossa maneira de ser, em harmonia com o pensamento, que as decisões devem ser tomadas quando cumprimos as tarefas rotineiras, como ações necessárias.

A busca pela beleza é se encontrar com os amigos, conversar e se interessar pelo outro; através dos contatos é que adquirimos novas informações e tornamos relativas as nossas verdades, para ver a vida de outros ângulos, como escreveu Craci Dinarte, *"Cansei de ir e vir. / ...Quero um simples amigo, / capaz de partilhar comigo / das belezas da vida, / como andar juntos numa tarde de primavera, / ouvir lindas melodias, / sentir a carícia da mão..."*

A beleza está no sorriso que concede a paz em nossas vidas, enriquecedor, faz bem aos sentidos por ser nosso aliado.

A busca pela beleza é encontrada na arte, como forma de reconhecermos os livros, filmes e quadros; na música, dança e poesia. É beleza inspiradora que ao se doar, enriquece nossas vidas. O poeta W.J. Solha, *"...Se pergunta se sabe quando um poema está a se tornar maneirista ou - pretendendo grande valor / estético - a se fazer hermético, / ou, / de grandioso, / passa a se tornar / pomposo!..."*

A beleza é revelada quando estamos envolvidos com a rotina e nem percebemos os ruídos do dia, mas, admiramos a chuva e o Sol, e lembramos o nome do vizinho e do colega.

A beleza está na simplicidade do gesto traduzido no carinho, atenção e amor, como elemento de humanidade. Segundo Pedro Du Bois, *"Ao se ver no espelho / por inteiro / a mulher mais linda / do mundo / soube pela imagem / refletida / ao contrário / sobre o dia futuro / em que os espelhos seriam cobertos / na indelicadeza com que os dias / passados / atravessam os vidros / e se instalam / em quem se olha"*.

A busca da beleza está em reconhecer que a aparência pessoal é mero ato de consciência. O xis da questão é que se sentir bonito significa enxergar além da imagem refletida no espelho; equilibrar e enriquecer culturalmente a vida. É resgatar o bom senso para nos sentirmos felizes e desafiar o conceito hedonista da beleza.

O QUE FAZER?

O que fazer quando somos invadidos por *emails* indesejados? Bloqueamos e esperamos que não se repitam, pois, além de indesejados são constrangedores e, ainda, chegam com desconhecida maluquice e insistência. Não receber esse tipo de mensagem é o que realmente importa. Como em Roberto e Erasmo Carlos, "*... esse sol que queima o meu rosto neste resto de esperança // ... Preciso acabar logo com isto...*"

Através da internet nos relacionamos com o mundo. Eu, somente na área literária e cultural. Confesso que ainda me surpreendo com casos como dessa mulher, que se diz "presidente de uma academia de letras"; não se trata de pessoa sem cultura, mas, do pior estilo: a que assedia. O que não entendo é o seu discurso diário em que se declara sem (re)conhecer o destinatário. Para Hilda Hilst, "*Não haverá um equívoco em tudo isto? / O que será em verdade a transparência / se a matéria que vê, é opacidade?...*"

Esse tipo de invasão traz aborrecimentos para o meu dia. No momento em que abro os *emails*, canso de suas palavras vazias; novamente tento me prevenir e a bloqueio. Nada resolvido! Lindolf Bell expressa, "*Muito aprendi / da palavra engolida em seco. / e da palavra abatida / por palavras de equívoco / e sutis alvenarias de cinismo...*"

O que fazer se as mensagens continuam e extrapolam a realidade da criatura, na ficção além de sua imaginação? Hilda Hilst ressalta, "*... Como os humanos temem suas trevas! / Como temeis em vós a criatura!...*"

Na esperança de que possa terminar com esse tipo de invasão, bloqueio novamente o seu "endereço", novamente e novamente e, mesmo assim, suas mensagens continuam a chegar, insistentemente, para a minha inquietação.

Que fazer? A questão contracenada com o bom senso e a responsabilidade do provedor do meu endereço virtual: se bloquear é vedar, por que não funciona definitivamente? Sinto na *pele* a tradução literal da expressão "invasão de privacidade". O que mais posso fazer?

O QUE FAZER? (II)

Lamento não saber dizer, exatamente, o que estou passando, por não saber o que fazer em tal situação. Sei que o vaso está sem flores. As vozes estão alteradas. As frases são repetitivas, sem início e fim. A dúvida é entender o que fazem no escuro num dia de Sol. O que fazem com as horas se o pêndulo do relógio está parado? O que fazem se o telefone desperta e ninguém atende? Por que perguntam se não há respostas? Por que estão com a arma na mão? Juan Gelman questiona, *"este caminho / é só para mim? / esta paixão? / esta faca? /... estes cravos que cravam / são para mim?..."*.

Estou presa às emoções do momento. Não posso enfatizar as minhas indagações, porque não sei qual atitude tomar; não conheço os fatos e continuo ouvindo os gritos.

Diante da situação me encontro sem saber o que fazer, torno-me ansiosa e em agonia. Preciso olhar para os cravos do jardim que colorem a paisagem. Redesenham o quadro dos anos dourados; calmas estruturas entremeadas nos dias que se resumem na constatação de que, sem seus perfumes, reproduzem a tristeza como desenho preconcebido. Nas palavras de Juan Gelman, *"... como viver tantos resplendores? / tanto deleite / medo / de ter-te/ perder-te / por que às vezes ris / outras choras?..."*.

Sento-me ao redor dos cravos, em sossego, entre canteiros simétricos como a vida; no entanto, observo situações

lamentáveis de dor; ao mesmo tempo, escuto a música de Chico Buarque, *Brejo na Cruz*, como ponto assimétrico onde “as crianças comiam luz”; expressar a minha tristeza nesta situação é fazer vaga a realidade.

A precariedade do presente se revela na situação emocional derramada, na medida em que a voz retrata cenas da vida, fossem nós no peito. Fico diante da pergunta indubitável: o que fazer? Que atitude tomar para que a (in)justiça e a (des)igualdade se transformem em canteiro colorido e perfumado, para que todos desfrutem do jardim? Juan Gelman encaminha a resposta, “... onde posso respirar / o que tenho além de minha fé no amanhã? / meu coração não pensa / sangra em tua luz de ontem...”.

MOMENTO de DESPEDIDA

*"...Será esta hora infinita / quando os olhos fixos contemplam
/por trás das palavras descidas / uma imagem que vem de
dentro?..." (Theodomiro Tostes)*

Este é um dos versos do poema *Canção sem Título*, o último escrito por Theodomiro Tostes, pouco antes do seu falecimento, ocorrido em 20.03.1986.

Até parece que foi ontem que nos despedimos, foi uma perda e um dia marcante. Impossível imaginar que, passados 25 anos, ainda é o momento mais forte da lembrança.

Realmente o tempo passa lentamente quando olhamos para o passado e percebemos *aqueles tempos*: grande no tamanho e na insondável saudade, como escreveu Theodomiro, *"...Será esta hora esperada? / Uma hora que já não passa / Quando as mãos sem cor cruzaram / passivamente sobre o peito / até que o frio as penetrasse?..."*

Sinto que em cada despedida o momento se repete com tristeza. O mal-estar está implantado em meu interior. A memória se avoluma em fantasmas amigos, que os outros não veem e, no entanto, ali estão com suas obras, poemas e palavras, na sensação do gélido minuano que corta a pele.

Reconheço o momento da despedida como algo além dos sentidos. Apenas suporte a dor. A lembrança e o sentimento são maneiras para permanecer com a expectativa de vida.

Certo dia, conversando sobre o momento de despedida, a imaginação exuberante me conduziu em detalhes a cena onde a realidade mostra que, no fundo, sou solitária; também, porque tenho amor pelo que tem sabor de aventura. Tostes reflete, *"...Será esta hora da estrela / pingo de luz no mar noturno / a guiar o alvor de uma vela / pelos roteiros da procura?..."*

Quantas histórias escuto sobre despedidas? Quantas hipóteses e versões, triste vivo? Ainda em Theodomiro Tostes, *"...Que o teu corpo descanse em paz / que o teu gesto repouse em paz / e que nesse olhar tão profundo / brilhe o fulgor da última estrela / na aventura do último rumo."*

Quando nem mais imaginava que pudessem retornar as lembranças, incendiando o meu pensamento, a história se repete e ressuscita em busca de explicações, apertando o coração. Depois dos momentos angustiantes, vejo-me correndo em variados rumos em busca da verdade nua e crua. Nem tão rápido que pareça medo e nem tão devagar que pareça delírio, mais do que a sucessão (dos episódios, do tempo) dos momentos de despedida; como encontro em Tostes, *"... Ou quem sabe não há mais horas / no relógio que move o mundo / e o voo do tempo está parado / no frúme dos lábios mudos?..."*

TALVEZ... (II)

Talvez ser o centro das atenções exija coragem. Talvez os opostos se atraiam e se completem. Talvez haja sintonia perfeita entre a razão e a emoção. Talvez as palavras transformem a folha em branco. Talvez renove votos com a vida. E reencontre como em Pedro Du Bois que, "*Talvez a felicidade / não possa ser descrita / escrita dita / cantada em verso e prosa*".

Apesar das promessas tentadoras, preciso ponderar antes de aceitar o talvez... Para começar é mais seguro identificar e acreditar que é melhor o talvez... Como encadeamento do cotidiano. Outro ponto é necessário que o talvez comprove a dúvida alardeada como solução mágica e ilusória, como retrata Júlio Perez, "... Talvez... // Quem saberá dizer / onde iremos... / após tantos anos / de perseguição? // A vida é isso: / um pouco certeza / um pouco ilusão...", e Helena Rotta de Camargo, "... quem me fará a gentileza / de conduzir-me de volta / à operosidade dos ninhos, / onde as ilusões eclodiam?"

Sei que o talvez não realiza o milagre, nem atinge o objetivo. Não equilibra a rotina. Mas, preciso avaliar para saber se a promessa é a opção que realmente desejo. O melhor a fazer é me desafiar para conquistar os benefícios obtidos através dos meus estímulos e da minha competência. Pedro Du Bois demonstra que "*O dia seguinte / traz embutido lembranças*

/ do que poderíamos ter feito / e não fizemos. //... O dia seguinte é o crítico / da nossa covardia: / consciência maldita / do que jogamos fora".

O que me diferencia é a posição e a postura diante da promessa não realizada e do *talvez*... Com o tempo, explorando a realidade, menos dúvidas tenho para seguir o meu estilo; maior a possibilidade de saber aonde pretendo chegar. Tenho o direito de ser eu mesma. Nada de *talvez*... Sim, de me decidir com a responsabilidade, fazer a diferença e alcançar o objetivo; para isto, preciso da inspiração para *talvez* ser lembrada no melhor de mim, mesmo que a forma seja encontrada na música de Belchior, eternizada por Elis Regina, "*Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais...*"

INFELICIDADE

*"a casa está ruindo // Mesmo sendo de pedras /
a in / Fe / li / ci / dade / contaminou os alicerces".
(Eunice Arruda)*

O sentimento é frágil e sempre está à beira do abismo que, por vezes, não consigo ver, porque estou fechada ao respirar o cotidiano. Como canta Lupicínio Rodrigues, *"fazendo da tristeza o bem maior"*.

Hoje não me satisfaço com os estilhaços, penso diferente e, em cada dia que sento à beira mar, vejo a vida como tempo imaginário, quase o último para tudo... Sinto não encontrar os contrastes na areia e sim onde o vento sopra forte e me surpreende com o destino. Dante Milano, escreve, *"que fazer a estas horas na rua? / Que solidão é a tua? / Que faz procurar / O cenário maior, / O de uma solidão maior que a tua?"*

O amargo sentimento exerce fascínio sobre mim, quando percorro a aventura das palavras e vozes interiores, beirando a infelicidade; para Nilma Gonçalves Lacerda, *"Esta hora que fica sem nome, / tanta dor ela carrega. / Somente se sabe que é / um tempo de rasgar"*.

Atrevo-me a dizer que sei o significado da infelicidade, mas, sinto que ela representa (constante companheira) a derradeira instância de uma compreensão insuficiente na trama imaginativa do sofrer para viver. A saudade, por exemplo, me

afeta sobremaneira e nem consigo explicar o quanto dói. Mas dói! Nas palavras de Sonia Regina, "... *Estou cravada no mundo; / numa quietude geradora parto / das ruínas / sem milagres nas mãos...*".

Que palavras descrevem a infelicidade? Falta de amor, solidão, inverdade? Não importa o idioma em que eu fale, sempre é mágica a triste sensação do sentimento. Deixo essa magia gritar no meu coração, eis que não alcanço o amor quando o vento traz lembranças dos tempos preciosos e minha alma se despe do desamor e da esperança. No desencontro, na desilusão do sonho, não tenho mais coragem de ouvir o vento e procurar por um abraço, caminho com os pés descalços pela areia; Claudião demonstra, "*silêncio nosso amor / Está morrendo / O coração sofrendo / A dura desilusão / De te ver nas mãos / De outro / Dói em mim / Meu coração / Pois siga o teu caminho / O caminho da ilusão*".

VOCÊ e EU

*"... se você for retirada / do interior desta ostra / Que sou eu /
Que seria eu? / Meu mundo quebrado / Não mais haverá /
Razão para que eu viva / Pois a partir do dia em que conheci
você / Meu mundo passou a ser seu..."*
(Amir Carlos)

Entre você e eu se levanta um muro de saudades, e somente nós podemos nos dar ao "luxo" da renúncia quando nada dizemos. Desta vez, a voz metálica diz adeus. Em Ricardo Valverde, *"Você e eu //...você me apareceu / ...um sentimento nasceu / ...de repente você desapareceu / os meus telefonemas não atendeu / as minhas cartas não leu / e nem mais escreveu / porém aqui estou eu / de coração aberto esperando para continuarmos / aquilo que começamos / você e eu..."*

Sua falta me alucina na *bendita* solidão que me afunda na saudade. Folhas ao vento o chamam e eu me refugio nas lembranças e abraço a sua ausência. Pedro Du Bois revela, *"ver o momento de dor / no olhar de quem perdeu / a hora de amar e passará a vida / procurando em cada gesto, / palavra e movimento..."*

À noite, meu pensamento cruza pesadelos, que aprofundam as lembranças, fosse a alegria saudosa em perfeita desordem, igual a um livro de ventos sem palavras e folhas sem asas, apenas o sentimento da sua ausência, como em Patrícia

Hoffmann, *"...vulto complexo, / no espelho da alma / o teu reflexo, / sempre ausente..."*

Nos sonhos venço o muro das lamentações e encontro em mim a sua memória, assim não me envergonho do sentimento que nutro por você. Memória que cobre a noite em desamor em que invento razões para não o esquecer, pois, vejo seu rosto em pedidos de perdão e guardo seu segredo.

Seus braços permanecem fechados, fico angustiada e invento a sua volta ao meu desvalido coração, que sopra a saudade em ecos, em que me perco nos sonhos da hora em que decifro o seu olhar; nas palavras de Lima Coelho, *"...Extremas saudades! tristezas que não se acalma, / Resumo doce e amargo de um sofrimento, / que me faz meditar, a todo momento."*

Penso em nossos momentos e sinto seus beijos em meus lábios e meu rosto diz quanto mais gostaria de lhe amar; insisto em ouvir a voz do coração: não seremos um do outro. Perco-me em palavras no escuro das noites que se tornam insônias. Busco desvendar o segredo através do vento que me traz a triste verdade e decifra as lembranças do que foi o nosso amor; misteriosamente, renunciamos um ao outro: você e eu? O poeta Carlos Pessoa Rosa retrata, *"... uma sensação de ausência presente, de algo ter carregado de nossas mãos, para se despedaçar no chão."*

100 ANOS?!?!

Episódio curioso, nas tramoias da vida a dor tece o sorriso piedoso, a nebulosidade polêmica, o relido na fria luz, o breve e o mau dia chegando com desmerecidas horas de sofrimento. Borges e Bioy questionam, *"Para que apressar tanto o passado, quando o presente entra em vigência?"*

Vejo-a com seus 100 anos, com destaque para a sua expressão de angústia; longe da sua trajetória passada ao enfrentar o presente com a sensação de cansada por estar paralisada no tempo.

Hora em que percebo as formas da sua sobrevida se revelarem em dores e na dificuldade do pensar e se expressar. As emoções e os conflitos são visíveis na expressividade do rosto de quem não mais difere dia e noite. Mário Chamie expressa, *"... Vi o tempo escondido / em toda a parte, / face a face / no disfarce / do seu rosto..."*

Será que compreendo o peso dos 100 anos através das lembranças e na esperança de descobrir o que a mantém viva? O seu dormir, ser alimentada através de sonda, leva-me a pensar, com sentimento, se a sua situação pode ser considerada como vida? Álvaro Campos nos traz que *"Minha dor é inútil / como gaiola numa terra onde não há aves, / como parte da praia onde o mar não chega"*.

Tenho muito a aprender sobre o significado dos 100 anos e de como posso enquadrar este tempo na força expressiva

dos dias. Pensamentos e palavras ficam entrecortados como peças de melancolia e ansiedade, travadas pela razão como se fosse impedimento e a incapacidade de entender as contradições da vida.

100 anos de idade, não seria para festejar sua vida longa? Aqui, o mal entendido, pois ela não possui mais a capacidade de explicar o tempo e nem revelar histórias que não vivi; sem a perspectiva de viver para amar; sem responder as minhas perguntas e nem completar as minhas frases; sem o pensamento que resiste em ser pronunciado; sem os sentidos para captar o meu carinho.

Tal a minha curiosidade sobre a vida, que as contradições do tempo impõem ao ser e, em muitos, faz atravessar a vida na contramão contrastando com a necessária qualidade de vida aos 100 anos. Nas palavras de Eduardo Alves Costa, "*... De que vale gritar teu desconforto... / sem que ninguém se dê conta; / e o que sai pela ferida / não é sangue, não é vida, / o que se esvai é a alma / amortalhada na calma / de uma estranha anestesia...*"

VIDA REAL

*"Se / Sêmen / Semente // vida"
(Silmar Bohrer)*

Homenageio o símbolo da continuação da criação humana, que dá relevo à beleza da vida: ser mãe.

Partindo da premissa de que filhos não vêm com "manual de instruções", enfrentamos situações e situações, principalmente porque, hoje em dia, precisamos ser modernas e maternas, devendo compartilhar os dissabores, as alegrias, as dúvidas e os receios. Enfrentamos o dia a dia com tudo de bom e de ruim que a palavra possa implicar

Quem é mãe precisa ser múltipla mulher... Temos de conciliar o filho e a carreira, situação que, apesar da correria, do sofrimento e das preocupações, avalio como positiva.

Ser mãe é alcançar momentos mágicos que naturalmente nos privam de outras atividades, como: dormir despreocupada e simplesmente acordar no outro dia, ir ao cinema e ler. Isso e muitas outras coisas mudam. Aos poucos, a vida retorna ao seu prumo e espaço; vamos adequando e descobrindo inúmeras maravilhas que apontam para o caminho da realização, com coragem e felicidade.

Filho significa alegria e amor; passa energia para vivermos. Só nós podemos entender. Ele tem em nós, mulheres,

mais do que a mãe, tem a amiga que carrega os sentimentos do tempo.

Mãe é quem representa o tempo, que o tempo é vida, como nos mostra a gaúcha Ayda Bochi Brum, em seu poema *Vida x Vida*: "*Ser mãe é sair do ventre novamente. /... E aprender nova linguagem / e sentir com mais intensidade: / que imortal é o amor / e a dor mais dor - / que o filho é energia segurando a vida / e transcendendo a transcendência / do que chamam morte. /... e não cansar de repetir / em cada filho / essa esperança nova / que faz a mulher viver / mais que uma vida /... E ser avó / é ser tudo isso novamente / sendo feto e alma / e coração e gente*".

Escolhi Ayda para nos representar; ela, além de mãe, é poetisa; nascida em 1941, em São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul. Voltada para a arte das palavras, através do seu desempenho, conquistou, entre outros, os prêmio de mulher destaque do ano e o de mulher expressão do Rio Grande do Sul, além do troféu Ana Terra. Resultados que refletem e representam a vitória das mães na vida real.

PARCEIRA DO TEMPO

*"O que a memória ama, fica eterno.
Te amo como memória, imperecível."
(Adélia Prado)*

Fazer referência à dona de casa é dizer da heroína trabalhadora e parceira do tempo. Não quero apenas jogar confetes, mas, dizer que trabalhar como dona de casa é fazer parte integrante dos usos, costumes, hábitos, emoções e da vida das pessoas, porque compartilha respostas, situações e problemas de todos no cotidiano. Para Nei Duclós, *"Uma dona de casa... / Levanta histórias do passado / e descobre a natureza do pó / que invade a sala..."*.

Ser dona de casa é dominar um pouco de tudo, como bom humor, inteligência, precisão, competência, compreensão, carinho e amor. Participar do dia a dia enfrentando as impertinências e, mesmo assim, detalhadamente, dar conta do recado; acreditar, deduzir, presumir e adivinhar a graça da descoberta e cumplicidade na busca da origem para desempenhar seu trabalho com estilo. Ainda em Duclós, *"Uma dona de casa está atenta / com os faróis acesos / na escuridão da estrada..."*

Acredito que a dona de casa captura a nossa alma e impressiona observar como se torna indispensável e importante em nossas vidas; mergulha na história familiar e é cúmplice do tempo em que vive como se ele fosse questões envolventes em

cada motivo, para aproximar as pessoas. Reaviva a consideração com que faz sempre renovado o relacionamento.

Não são poucas as histórias sobre as donas de casa; a palavra é reconhecer e agradecer pela parceria no tempo e no coração, pois, são quem se relacionam com a organização doméstica, na necessidade pessoal de aquecer a alma e proteger o lar. Vera Costa Vianna expressa, *"Seus sonhos e a esperança, a fortuna, a beleza, / tudo fosse ilusão e não restasse nada, / E eu só tivesse a Ti, / ... Eu seria feliz!"*

MULHER: MEMORÁVEL EMOÇÃO

Memorável emoção é o frescor do mar, o amor sentido no calor do sol - isto parece o perfil de uma mulher, que sabe manter a conexão com a emoção no revigorar e fazer o tempo passar devagar, para curtir as lembranças do dia. Para Marina Du Bois, *"Penso em ti / sempre que respiro... / E como é bom pensar / E lembrar / Breves momentos / Que não se apagam dentro de mim / como se tivessem / Vida própria / E ficassem pulsando, / A me enfeitiçar"*.

A mulher exerce a razão de maneira prática, sensível, fácil e de seguros momentos; sente-se à vontade e, ainda, acerta no ponto (parafrazeando Mario Quintana) de que nasceu para amar e ser amada. Ela, com sensibilidade, usa a de "viva-voz" para sonhar e compor a vida e a encaixar em sua meta: liberdade com responsabilidade, para sua memorável emoção.

A mulher se apaixona facilmente, porque acredita no amor e leva a sério a vida a dois. Sua experiência de vida é a razão que a faz respirar aliviada, quando pode confiar no seu(sua) amado(a). Fabiana F. De Carvalho reflete, *"... Lembro de você / De como é bom te amar /. Trouxe uma nova razão de viver / Modificou meu modo de ser, / Acrescentando confiança / E a minha vida, ter mais esperança... // Você foi uma visão, //... Que se transformou em paixão, / Que trouxe emoção..."*.

Memorável emoção é o que atende ao seu estilo do bem estar e a necessidade do seu bem viver: a história, em suas

saudades, ganha versões eletrizantes, quando a escolha a faz importante e reluzente, a ponto de sentir a vida palpitar em sentidos e pensamentos. A melhor escolha da mulher é a que a torna feliz e faz com que se abram janelas, deixando quem é através da memória. Eliana W. Alyanak revela, "... Amo estar apaixonada / Amo a vida com fervor / Fervura de sentimentos / Fluidez de expressões // Desprendida / Nau ao léu / Baloçando / Ao sabor do vento..."

A mulher se reveste em gestos ao viver o seu grande amor, mesmo que em sonhos, deixando transparecer em nuances a sua personalidade e reflexão. Constrói relações emanadas da emoção, que se modificam ao longo da vida. Mergulha sem medo em tudo o que sente e vivencia, sem defesa. Também, experimenta com intensidade a dor do amor e o sabor de se saber insignificante. Fátima Corrêa expressa, "A mulher em mim / É aquela que sofre calada; / É aquela que se esconde num sorriso...". E, Marina Du Bois expõe, "Hoje tive medo / de te amar novamente, / pois vi nos olhos / de uma criança que cresceu / o que a dor do amor / pode fazer // Lembrei-me de como ela / nos torce e nos retorce / nos estilhaça o interior / e nos deixa um vazio / de membro amputado / que dói mesmo sem / a sua presença / um vazio "inocupável", / a não ser por outro amor".

A memorável emoção acontece quando a vida se apresenta em sabores e dissabores. É processo que envolve a mulher em sentimentos e lembranças, em que trata de forma livre as questões da emoção, respeitando suas normas, mesmo que às vezes as transgrida. Tempera o amor com fantasias

românticas e descobre a real intenção de compartilhar sua satisfação com o(a) amado(a) - na conjunção desejada. Suas palavras de ordem para a vida são sentir prazer nos pequenos momentos: amar, renovar, doar e se envolver com certo mistério, para tornar os momentos em memorável emoção. Como mostra Pedro Du Bois no livro "Sempre Mulher", *"Mulheres breves / eternizadas / em infinito amor // Lábios carnudos tez de veludo. / Vontade de se saberem amadas. // Mulheres breves em sonhos e realizações"*.

VIDAS DESAMARRADAS

Vidas desamarradas são as que despertam reflexões e provocam a felicidade em exclusiva combinação: ser notável, livre em várias versões, para o encantamento no viver e sabedoria no dividir experiências e sentimentos ao espalhar sinais marcados pelo tempo. Isto implica na mistura perfeita entre curiosidade e talento, tornando interessante o diariamente em vidas desamarradas. Em cada vida desamarrada, por opção ou conquista, revelamos o que almejamos para seguir retratando a nossa história.



"COMPAIXÃO"

COMPAIXÃO é o livro de Sueli Gehlen Frosi, com o poder de saciar os sonhos, porque a autora exprime os seus sentimentos e desnuda a sua alma. Ela encontra tempo para contemplar e perceber o que acontece à sua volta na manutenção da vida, relatando as metamorfoses como etapas libertárias, "... para que consigamos refletir sobre algo tão sério, vale a pena lembrar a pergunta de Moacyr Scliar que, de tão boa, merece ser repetida: "Afinal, o ser humano pode ou não melhorar"?".

Posso dizer que é obra "viva". Bem viva, que me faz pensar e me permite oscilar entre o tom das palavras e a contemplação dos fatos, ao transformar atos em emoções e imagens que espelham a sensibilidade na revelação das suas verdades. O fato de Domingos, seu amado, estar presente em seus textos, provoca e motiva relacionamentos além dos sentidos, pois, acredito cada vez mais ser preciso romancear a vida.

Seguramente, refiro-me ao capítulo *Descobertas* em que a Autora olha para dentro de si e faz questão de lembrar como deveria viver, "... fui forte até agora, continuarei sendo, continuarei contando com quem vale a pena, com quem me ama de verdade. Ser rico, interiormente, não é para todos, por isso quase me convenço que a pobreza de espírito parece beirar ao inato, como algo congênito, uma anomalia sem remédio".

Curiosamente, pode-se notar os traços das palavras no embalar imagens refletidas de sua vida, como culto da história, com o efeito inesperado que cumpre a função maior de expressar os seus valores, o que Sueli explica através das suas virtudes literárias, quando se contrapõe à linguagem carregada de valores socioculturais.

Com essa visão, a obra contorna sua identidade ao reproduzir seus sentidos em relação ao que é visto e vivido diariamente; também, mostra o quanto os sentimentos se comunicam pelo viver, *"Não é vazio o que sinto, nem saudade. / Percebo o inexorável da vida, / aquilo que não posso deter, por mais que queira..."*. *Compaixão* é o caminho para descobrir outras realidades que dão significado à revisão da vida.

CASSINO DA MAROCA

Sou a primeira a aceitar convites para ler obras literárias, principalmente, se for antiga, pois, costumam ser “mais vivas” quando contadas através das histórias no decorrer do tempo; posso ler no correto tom as necessidades, inquietudes, costumes e anseios dos personagens. Suas posições político-sociais versando sobre os dias de ontem são temas inegáveis que rondam o ambiente no abordar questões polêmicas de cada autor em relação íntima com o curso da vida; como encontro no livro-álbum, de 1993, escrito e ilustrado por Ruth Schneider: *O Cassino da Maroca*.

Ruth expõe o que se passava à noite, entre portas fechadas, no *Cassino*. Resgata a época inusitada no espelhar, através da arte, a sociedade passo-fundense dos anos cinquenta. O gosto pela história do *Cassino da Maroca* a incentivou a contar sobre aquele ambiente, o mais procurado pelos homens para a realização dos seus desejos, no desafio de se realizarem sexualmente; pagando o preço de dizer “sim” à liberdade, libertinagem e liberalidade em relação ao sexo e ao prazer físico. Desvela assuntos que despertam curiosidade, ainda hoje, por retratarem o mistério dos prazeres nos homens enquanto frequentadores do *Cassino*, onde seus pensamentos e sentimentos se manifestavam - e iam além - no escolher a mulher mais bela e sensual do local; disputavam entre si a meretriz mais sexy e provocativa. Por tudo isso, *O Cassino da*

Maroca era o ponto de encontro onde as "coisas" aconteciam, sob o olhar compenetrado da cafetina. Seus "clientes" consideravam o local alegre, voluptuoso, prazeroso e fonte de desejos.

Contam as más línguas que, "Um frequentador assíduo do Cassino estava em sua casa, comemorando seu aniversário com a família e amigos quando, após muita festa e bebidas, refestelou-se no sofá da sala e gritou para a mulher que passava: "Vadia, fecha a rosca que quero ir para casa." O problema foi que ele estava em sua casa e era a sua esposa a mulher que passou pela sua frente.

O Cassino da Maroca era "assunto" que despertava crescente atenção na elite social passo-fundense, por nele habitar figuras interessantes, como: Maria Bigode (*de faca na bota*), Maria Preta (*figura berrante e mística de cor de jambo*), Maria Zeca Navalha (*responsável pelo controle das regras da casa e, quando necessário, puxava a navalha e cortava os desobedientes*), Alice Miranda (*dançarina e cantora*), Heloísa dos Cachorros (*deitava com os homens sem dispensar a presença dos cachorros*).

Além das tantas mulheres, havia o Trovador, no bar amoroso: "as mulheres escreviam o seu nome nas paredes e muros e, por cima, selavam o registro com batom."

A arte de Ruth Schneider está centrada em sua memória afetiva, na representação da diversão lá existente e nos preconceitos de uma cidade em momento de desigualdades e repressão. Para Armindo Trevisan, em comentário registrado

na obra, *"ela sabe ser ferina sem deixar de exhibir, no âmago de seu festival burlesco, um tom de ternura..."*

Outra passagem interessante encontrado no livro é a da costureira Elvira, que confeccionava os mais lindos vestidos, sem fazer distinção entre as mulheres da "zona" e as da sociedade, ressaltando na obra de Ruth, mais a diferença superior do homem, na época, do que propriamente a "dor moral"; apenas o material e distintivo.

Ler *O Cassino da Maroca* é lembrar além do que ouvimos sobre o passado, através de imagens - na farta ilustração da autora - e palavras, como estigmas arraigadas na cultura regional. Convite para descobrir a história da cafetina e suas meretrizes, bem como as reações ardentes que suas atividades despertavam e desencadeavam nos "clientes".

Conta a "lenda" que *"Maroca viu o casal se esfregando no salão do Cassino - o que era contra as regras casa - e, então, gritou: Parem com essa pouca vergonha! Isto aqui não é o Clube Comercial! É uma casa de respeito!!"*

AOS DISTRAÍDOS

A realização do sonho é ocasião para a transformação... Aqui, vale agregar o momento que encontro no livro *AOS DISTRAÍDOS*, de Cris Dakinis: "*Acorda numa revoada / de sanhaços ao vento / Porque a poesia é sonora / Ela nasce encantada*".

Na expressão da beleza, junto ao poder e à eficácia, a alternativa da autora é desvelar sua alma e enriquecer a arte com palavras que desafiam o tempo, renovando e trazendo sua contribuição para enfrentarmos o cotidiano. "*A poesia do dia / Amadurece cedo / Ergue as cortinas e / Toma Sol na calçada*".

Um dos maiores dilemas do homem no mundo moderno é a dificuldade em conciliar o trabalho com o tempo para se dedicar à leitura. A internet/on line, coloca-se ao nosso lado nesse desafio, para obtermos a sonhada condição de ler a qualquer hora, mesmo que em plano diferenciado, criando novas propostas para ajudar a solucionar o dilema.

A vida é única (e corrida); merecemos melhores escolhas, onde seja possível crescer de forma acelerada, com acesso a livros de diversos autores e gêneros, como *Aos Distraídos*, de Cris. O que significa a ascensão da leitura pelo acesso a novos escritores, na disponibilidade de tempo de cada um.

Nesse contexto, a internet apresenta-se como paisagem invejável no paraíso dos livros, onde novas oportunidades surgem a cada momento. Ao traçar essa linha, a leitura se torna desafio para conhecermos a poeta Cris Dakinis, que contribui para a literatura com o objetivo de abrir novos caminhos. Seus poemas lideram a "beleza" literária ao celebrar a transformação do nosso dia a dia, no raro caminho das letras, "só os incautos ouvem / A poesia do dia... / Distraídos que estão / Do seu diário ganha pão".

Ler nos coloca no jogo entre a razão e a imaginação e, ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre a opção de lazer: ler sem pressa e em casa. Entendo ser a internet fantástica máquina para viajar pelas opções variadas, onde escritores oferecem suas obras para todos os gostos. Um país de leitores, precisa de escritores e livros para evoluir. Através da internet, comunicamo-nos e obtemos mais qualidade de vida, atraídos pelas artes, palavras e autores dos quais podemos desfrutar e que nos permite que a literatura, como lazer e conhecimento evolua diariamente, na busca pelo bom livro, bom autor e lugar para ser feliz, ao descobrir diferenças entre as palavras na poesia.

FAZENDO AS MALAS

Danuza Leão, "mulher multimídia", mulher sem medo de experimentar o novo. diz que "viajar ainda é das melhores coisas do mundo". No seu livro, "Fazendo as Malas", traz dicas de viagem com o necessário comportamento. Relata dicas de hotéis, restaurantes, passeios e as "obrigatórias" compras.

Traz na mala histórias para quem gosta de viajar sem sair de casa, apenas, deixando a imaginação voar.

O interessante no livro são as dicas de quem conhece os lugares, de quem muito anda para captar a essência das cidades com olhar requintado e, ao mesmo tempo, simples, com o intuito de indicar caminhos e peculiaridades da cidade com a distinção do que é importante e especial para ser visitado.

A autora apresenta sua visão sobre os lugares: Sevilha, Lisboa, Paris e Roma. Sendo que em Paris, destaca a livraria "La Hume", onde, segundo ela, pode ser encontrado qualquer livro desejado.

Danuza é especialista em viagens. Possui muitos passaportes, todos repletos de carimbos... Deixa a imaginação viajar ao publicar "Fazendo as Malas", com a missão de compartilhar experiências de mais de 60 anos de viagens.

No entanto, é capaz de nos surpreender. Ao contar as suas viagens, destaca, no Brasil, a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, como o "lugar mais curioso" que visitou. Explica, *"o hotel em que eu estava tinha piscinas em níveis,*

como escada e me disseram que quando foram fazê-las, quanto mais escavam, a água ficava mais quente. Depois, nessa escavação, descobriram petróleo. Então, a cidade inteira possui aquela máquina de tirar petróleo, como as que existem no Texas, chamada cavalo. Você passeia por Mossoró e encontra casas com um "cavalo" no quintal, tirando petróleo. O mesmo na praça, no centro da cidade. Não é curioso?"

É fascinante. Curioso mesmo é quando ela diz, "fazer as malas é ter que fazer escolhas. E uma das coisas mais difíceis na vida é ter que optar". Ao optarmos por ler, podemos sentir o gosto pela vida.

COMportas

"Me revelo / feito flores. / No inverno, / deságuo verso em mim. / Nublada, / alucino / meia lua. / Burlo desejo / trapaceio. / Me descaso / e não me reconheço". (Leonora Waihrich)

No poema de Leonora percebo que há *COMportas* de querer e poder, que sugerem refletir sobre o que gostaríamos de fazer na busca de novos parâmetros. Fazer da vida o melhor lugar do mundo, porque são as misturas que trazem o clima acolhedor, juntamente com as criações e o reaproveitamento cultural. Rever e reler é preciso. Tentar reativar o talento é atitude que abre as comportas.

Em épocas de turbulências vale reconhecer a importância da leitura como revelação, para provocar a felicidade. O trunfo da sedução é a alegria de ter a revelação expressada no desejo de navegar entre o real e a fantasia.

Não é necessário ficar trapaceando os sentimentos, para contornar a preocupação com o bem estar; Álvaro Mutis completa: *"o verão abre as comportas / e o sonho se povoa / de vagos combates"*.

Hora de encarar as crises e surpreender as perdas, a ordem é ler e pensar grande: fazer parte da troca de destinos nas palavras, versos e na poesia de Leonora.

A intensidade e a vontade imperam nas transformações. Revelar é ser. Burilar é ingerir, limpar a cabeça é sentir a cumplicidade das *COMportas*.

A tendência é abusar dos escritores e dos textos, que podem se mostrar benéficos ao pensamento, procurando atender cada necessidade, na expressão do sentimento para com o destino inesperado; *"me descaso e não me reconheço"*.

Miguel Oscar Menassa diz que *"uma vida que pode viver escrita foi vivida pelo menos nessa página, se abriu espaço de possibilidade de que essa vida possa ser vivida..."*.

A regra é provocar a felicidade e a transmitir para as pessoas através da cultura... Para Cristiane G. Olivieri, *"A cultura é considerada uma poderosa ferramenta de transformação, por sua própria natureza, que exige e possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico e complexo, da criatividade e das relações interpessoais"*. Essa é a comporta que precisamos para nada atrapalhar o nosso dia a dia: *"... Me revelo / feito flores"*.

O BELO é SENTIR o HOJE

"... não conhecia poemas /nem muitas palavras belas / mas ele foi me levando pela mão" (Chico Buarque)

Chico Buarque tem razão, a poesia me levou até Cora Laus, autora da frase *"o belo é sentir o hoje"*, que nos leva a pensar em nosso trabalho para que busquemos no amor a solução dos problemas e, na nossa realização, a vitória em cada momento alcançado.

Cora Laus está entre os poetas jardineiros. Foi escritora pouco conhecida e seu único livro editado foi *"A Saudade Olhada de Perto"* - *Poesia e Crônica*, publicado pela Editora Laus. Era irmã de Ruth e do querido e consagrado escritor catarinense Harry Laus que, para Miguel Salim, *"Harry Laus é um nome bastante respeitado... no âmbito nacional devido a sua atividade como crítico de artes plásticas."*

Ruth Laus era mulher de forte personalidade e grande batalhadora pela cultura, sempre planejando alguma atividade intelectual. Dedicada à memória do seu irmão, Harry, reeditou depois de sua morte toda a sua obra literária. Também, pesquisou sobre a vida dos seus irmãos e irmãs e, entre elas, Cora Laus, editando em livro o *passaio* em que registra a passagem da linhagem Laus pela Terra.

O livro *"O Jardim de Judith"* foi organizado em homenagem a sua irmã Judith Laus Bayer (Didi). Através desse

livro, conheci Cora Laus Simas - que nasceu em Tijucas-SC, em 23 de julho de 1916 e faleceu em 03.01.1969; foi estilista, jornalista, cronista e poeta.

Cora Laus Simas é a autora da frase "*O belo é sentir o hoje*", citada por Zahidé L. Muzart, em *A Décima Carta*, de Ruth Laus. A frase ilumina e multiplica nossas forças, colocando-nos em defesa do que abraçamos com o coração e, indiscutivelmente, é o que colhemos no dia a dia. Então, lembro fragmento de seu poema *Sinto e Bendigo*: "... *E se não fui feliz - por que chorar? Bendigo / ter sobrado à minha pele, d'algum amigo, / o cheiro da felicidade verdadeira.*"

PORQUE LER POSTIGOS

*"Redesenho o cotidiano // pontos / e tramas // - corda absurda
- / me ouço em outros poemas / feito sussurro ao vento."*

Dê uma pausa no seu cotidiano para ler *POSTIGOS*; um ato invariavelmente ligado à emoção na possibilidade de ver a poesia com estilo na palavra, e de mergulhar no prazer da arte literária.

POSTIGOS não é apenas conquista, mas, também desafio que nos mobiliza para seguir lendo poesia. Essa é a essência que a obra de Carmen nos lega: o prazer de momentos poéticos e mágicos na inspiração de novas e emocionantes experiências linguísticas.

"Ao longe, / com nossa teia, / tomamos os remos / e feito postigos destes suspiros / desabitamos pessoa do nada..."

POSTIGOS é poesia diferenciada, desenvolvendo o apuro para com experiências expressivas, onde realimentamos a capacidade de alterar preferências - incrível viagem ao tempo através de janela que nos permite espreitar a arte.

"Leitura // sem sol / nem lua // sangue aquático / Claroscuro momento // Livros / semânticas poeiras / fluindo corpos em nomes, / eternas viagens..."

Há poesia no viver o cotidiano, porque buscamos o equilíbrio entre a vida e a leitura; *POSTIGOS* acende a luz do nosso dia a dia, melhora e ativa a arte entre atos e palavras, para buscarmos a liberdade.

Poesia é a linguagem da liberdade; com ela, podemos ser o que quisermos. O que sonhamos é poesia. Os momentos que vivemos é poesia. A música que ouvimos é poesia.

"Há dias tão cinzas / que assombro céus / condenso paredes / escuto fantasmas / nas folhas em pauta / me reencosto à Lua."

POSTIGOS é opção para quem gosta de desafios. É também estar na companhia de Cecília Meireles, "... com teus lábios danço / tomo páginas / e me reescrevo luares em clara idades...", e de Gullar, "... em minhas mãos / giros de folhas / retocam a face do tempo...".

O livro é dividido entre os Postigos Naturais e os Postigos Lunares, juntamente com poetas convidados, que (con)versam com o livro e com Vidrúguas, onde revelam a força da poesia de Carmen Sílvia Presotto.

"Entre / o fim e o serei / está o é / - flor umedecida d'eus - /desensimesmando-se por viver..."

DISPERSOS de MARIA PEQUENA

O livro *DISPERSOS de MARIA PEQUENA* é coletânea representada por vários autores com variadas versões, como caminho de investigação que persegue o percurso da vida de Maria Meirelles Trindade, vulgo Maria Pequena, em Passo Fundo, RS.

A obra busca homenagear e espalhar a sua completude como ser, de modo persistente: Maria Pequena mártir, heroína ou santa? Perguntamos, até onde é lenda ou é sua realidade?

Dispersos responde na diversidade dos textos e dos estilos dos escritores que, com sensibilidade aguçada, curiosidade aflorada e conhecimento, contam a história de Maria Pequena.

Suas versões retratam *Sopros da lembrança*, *Sinais da lembrança* e o *Sentido lembrado*. De certo modo, celebram a história de Maria Pequena ao restituir a sua vida entrelaçada fosse a incursão do mito.

Aqui, vida e arte se confundem em palavras que resgatam as lembranças de seu perfil, onde cada autor prescreve a compilação no reproduzir nas páginas o seu processo de criação literária. Residuais poderes na "voz" concentram cada lembrança, e sabemos como assombra qualquer regresso em palavras. As lembranças estão na presença das versões dos fatos ou das lendas, que se fazem latentes em nossos corações, em cada percurso da história "que

o estrangulado corpo esquece". Assim, não apagamos as imemoráveis lembranças da vida, pois, a chama da lembrança alumbra o nosso pensamento.

O que traz claridade à obra é o fato sombrio e, talvez, místico que além ou aquém dá passagem nas referências literárias para compor a história, que nos impressiona em cada página, com o que é retratado sobre a vida de Maria Pequena. Mesmo sendo triste a história, nela predomina a magia que vagueia na lembrança dos autores, onde o corpo vencido permanece, agora sem pressa, em cada coração e, por vezes, no fervor do sacrifício estabelecido pela história como marco: Maria Pequena santa, heroína ou mártir?

CENA de RUA

Cena de Rua é o livro infantil de autoria de Ângela Lago, de 1994. Sua execução decorreu da sua simpatia para com os meninos de rua. É livro de imagens, não há propriamente uma história. A criança cria a sua história a partir do que está vendo, de acordo com a sua experiência de vida e através da sua criatividade.

Cena de Rua é triste (ou não?), mas real! Ou simplesmente são coincidências da vida? Ou são cenas do cotidiano, como a do menino vendendo frutas no trânsito. O cachorro no carro late para o menino, enquanto outro motorista rouba a fruta. A vovó que ali passa, com medo do menino, protege a sua bolsa. O menino triste e só, através da vidraça, admira uma mãe que dá carinho para o filho. O menino cansado senta na rua e come a fruta que divide com o cachorro, que também está sozinho. Ainda com fome, rouba um pacote de dentro de um carro, sai correndo e, ao abrir o pacote, encontra frutas. Sacia a sua fome e volta ao trânsito para vender as restantes. E assim a sua vida retorna novamente às ruas. Nas palavras de Pedro Du Bois, "*... o nada se descortina como cena / muda e vazia / de esperanças.*" (Pedro Du Bois)

Cena de Rua é literatura infantil que mostra a realidade, através da arte. Pintar também é escrever, como nas palavras de P. M. Bardi, "*Um pintor de talento, também é um escritor.*"

Com sensibilidade podemos "ler" o livro e reconhecer o quanto a criança está sozinha; até Júlia, então com 5 anos, se reconheceu na *Cena de Rua* e logo montou a sua história para ajudar o menino. Então, em cada sinaleira em que hoje paramos, Júlia diz: *"O menino não tem casa, nem dinheiro. Coitadinho! Ele está trabalhando como o menino da história"*

Cena de Rua tem a escuridão como pano de fundo, ressaltada em cores fortes e pinceladas corajosas. É diferente e interessante como a criança conta o que vê dentro do seu coração e da sua realidade. A parte mais bonita é a da revelação, onde crianças impressionadas e emocionadas com as imagens, podem acrescentar suas histórias para *Cena de Rua*, criando seus próprios livros.

A autora Ângela Lago dá oportunidade para as crianças se manifestarem de maneira lúdica e na preservação da tradição oral, garantindo o desenvolvimento e o entendimento da vida. Também, mostra que o mundo que nos rodeia nem sempre é alegre... Imagens que falam por si, sem textos, estimulam a consciência do leitor e fazem com que a imaginação se complete numa história a ser contada. Era uma vez...

"... As frutas sem morte / não as comemos. / Essas / que uma outra fome, clara, segura. / Essas / suspensas lá onde o silêncio, / não bem como uma árvore de vidro, / frutifica. // O silêncio sustenta caules / em que o perigo gorjeia. // Alto abandono / em que os frutos alvorecem, / e rompem!" (Ferreira Gullar)

LIVRO TÂNIA

O amor, segundo Fernando Andrade, *"é sempre o motivo mais profícuo a inspirar os poetas."* E, ao meu lado, tenho Pedro, poeta do livro *Tânia*, em homenagem ao nosso amor. São poemas que marcam momentos importantes e dão voz ao nosso relacionamento. Costumo dizer que para amar é preciso receber amor.

"Não escrevo / Tânia / escrevo tânicas / tantos são os anos / compassados // junto as letras / o nome leve / solta o perfume / adocicado // sempre é o início / onde os corpos se confundem / nas descobertas // no final da tarde / na tranquilidade da casa / olho-te / como fosse o dia / do primeiro olhar entrelaçado".

O livro é festa a celebrar o amor na revelação do segredo de nossa longa e eletrizante vida, ao buscar na literatura o ardor do nosso comprometimento, porque retenho o sopro do reflexo intenso das palavras, sempre presentes na sombra do seu olhar, onde desvela o meu sigilo e transfigura o viver, dando sentido ao nosso dia a dia.

"Tua proximidade insta o corpo / cúpida razão para me fazer bonito / em perfumadas roupas de domingo / / tens a magia com que despertas o sexo / adormecido sonho de outras épocas //

chega no que traz no ar: / próprio o perfume e o passo / leve gesto de longas horas // tens o murmúrio dos passados / respeitosa-mente abertos em espaços // tua proximidade acelera o canto / desencanta o tempo / ilumina o momento: / és deusa do começo trazes a luz / alva e alba era de chegadas // sou súdito igual que presença / em ti a estrela e a guia / corpo de mulher desenhado ao tempo."

O livro *Tânia* é intenso, ousado, sonhador e romântico. Du Bois, reflete cenas que descrevem a nossa história construída com paixão, desejo, respeito e cumplicidade, ingredientes que fazem a diferença no nosso viver.

De que vale a vida sem carinho? Fascinada, encontro a desordem interior na ordem de fora, onde a vida se reflete na arte. O que sei do amor liga o impulso que me leva à paixão pelo simples estar em sua companhia; o simples estar na tarde; o sorriso, o toque, a pele e o perfume. Não há pressa, penso como gostaria de ficar parada em um beijo. Assim, classifico a vida como emocionante *leitura* que não perde o encanto e que me permite acreditar que possa existir tal *literatura*, como poder transcendental no amor.

"No encontro / esqueces o tempo / conversas // teu sorriso / atravessa o tempo / em que os sérios / ficam presos // teus gestos / traduzem a beleza / com que os sinos / embelezam as torres // leve o hálito / traduzindo o corpo / composto em amores // conversas teus assuntos tantos / enquanto os olhos me procuram / como sempre estou ao teu lado."

Defendo que o amor (*nosso amor*) é exercício de vida com o que - ainda - romancemos o mundo.

SOLHA & MULHERES NOTÁVEIS

W. J. Solha, no ensaio *Mulheres Notáveis*, mostra o sentido da vida, mesmo repetida, em cada mulher "notável", provadas na mobilidade dos gestos ao reproduzir verdades como realizações. O que nos leva a continuar com o "projeto vida", no tempo em que as incertezas instantâneas são paradoxos: luzes que iluminam cada feito, revelando sermos muitas e única ao mesmo tempo.

As mulheres notáveis emergem do passado em memórias e vão além das lembranças, nas palavras de Solha, fazendo-as presenças presentes.

O ensaio se encaminha através de espaço em forma de aproximação de palavras e imagens; algo diferente, na conotação apoiadora da ação das mulheres como notáveis.

O autor relata com entusiasmo, e divide com os leitores, suas vivências e experiências. Descreve-as com clareza e objetividade citando suas histórias, como se fossem nossas. Conta a respeito da época, num tempo das mulheres, com novas interpretações, o que nos permite pensar no dia de amanhã.

É ensaio "atraente" nas qualificações e ilustrações, expressando mulheres como seres notáveis, referindo-se ao âmbito profissional de seus talentos e aptidões.

Através das palavras de Solha temos a oportunidade de reconhecê-las notáveis, o que ele relata com propriedade, articulação e ilustrações, na linha do tempo.

Refiro-me à palavra "vencer", ao nos incluir nas lembranças dessas mulheres ilustradas: da criação aos grandes desafios, com estilo e autenticidade, como Solha utiliza para nos lembrar da história e nos aproximar dos fatos. Nas palavras de Mário Brito "*...a verdadeira arte não tem dono, não pertence a um tempo e não tem limites geográficos: ela é universal, atemporal e sem fronteiras*".



Obras da Autora

Amantes nas Entrelinhas

O Exercício das Vozes

Autópsia do Invisível

Comércio de Ilusões

O Eco dos Objetos - Caabides da Memória

Arte em Movimento

"Sonhei sermos nós em laços... / Amor sem
limites / sem amarras... / se o sonho fomos
nós / ou se tecemos os nós".
(Neuza M. Z. Hirano)



ISBN 978-858326284-8

